

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis  
Com estampilha . . . . . 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio  
avulso . . . . . 20 »  
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

## PROPRIETARIO E EDITOR

**AUGUSTO DA COSTA E PINHO**

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal . . . . . 60 rs. cada linha  
Anuncios e communicados . . . . . 50 »  
Repetições . . . . . 25 »  
Anuncios permanentes, contracto especial  
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

## A GNOSE

Ressuscitou em França a antiga seita dos gnosticos, que não pôde considerar-se neo-christian, visto ser uma doutrina eclectica, que pretende fundir as religiões pagãs com o christianismo recente.

Jactavam-se de ser uma raça eleita, que em virtude de uma sciencia mysteriosa e tradicional (a gnose) possuía a verdadeira fé. Segundo elles a Grecia e Roma não tinham senão mythos e lendas, á Judea apenas se revelára um deus secundario, o *demiurgos*—e Jesus Christo foi uma intelligencia d'ordem superior, mas os apóstolos não o comprehendiram, e os discipulos dos apóstolos alteraram os textos da sua crença, o Evangelho.

Como se vê os gnosticos são theosophos independentes.

Formou-se a gnose de elementos de todas as procedencias. A China, a India, a Persia, a Chaldaea, a Judea, a Grecia, e o Egypto, lh'os forneceram—porém Simão, o *magico*, Menandro, e Cerintho, que eram judeus, foram os primeiros a coordenar-os.

Apesar das suas variantes, ou das escolas diversas, a que deu origem, ha uns lemmas principaes que são communs a todas.

Os espiritos emanam da essencia divina—degeneram, mas voltam ao seio que os gerou depois de se rehabilitarem—iniciados na gnose vão readquirindo o seu primitivo estado por intermédio dos *Eons*, ou potencias, que velam sobre o homem.

Os gnosticos dividem-se em cinco grupos—o da Palestina, o da Syria, o do Egypto, o Sporadico, e o da Asia Menor: e todos se subdividem, mas não vale a pena descrever todas as suas differenças. Apontaremos apenas algumas.

Saturnino do grupo syriaco sustentava as ideias christãs com as de Zoroastro e a *kabbala* dos judeus.

Deus, o pae desconhecido, fonte de tudo que é perfeito e puro, não creara senão essencias puras, mas estas degenerando gradualmente, já não eram como na sua origem.

Os anjos crearam o homem para ser um seu auxiliar no combate das trevas e mas não tendo podido animal-o, foi necessario, que deus lhe desse um raio da sua luz, a alma—que em virtude da sua natureza devia voltar ao seio divino, mas antes precisava de reasumir a sua pureza, e de lutar contra o principio do mal, contra Satanaz, e os seus agentes: foi-lhe preciso um salvador; o pae desconhecido, apiedando-se d'ella, enviou-lhe a sua emanação suprema, essa forma real, mas com a apparencia humana, Jesus Christo.

Cerdon, do grupo asiatico, foi um dos que mais inquietou a egreja catholica. O que o distingue é afastar-se das religiões anteriores, com a pretensão de apurar a fé christão.

Para Cerdon, o mundo, obra imperfeita, não é uma criação de deus supremo—(admira-nos esta ideia).

As leis de Moysés e os prophetas não são igualmente fontes de verdade absoluta.

Os textos, em que *Ichovah* ap-

parece agitado de paixões humanas e outros em que a moral é offendida nos actos dos personagens que Deus escolheu, não são d'inspiração divina.

Apenas admittia uma parte dos Evangelhos de S. Lucas e de S. Paulo e não admittia os outros, porque lhe repugnavam a união do *eon* Christo com a materia, como também o dogma da resurreição em corpo e alma destinados a ser recebidos no seio divino.

Marcion, do mesmo grupo, quiz completar a doutrina do antecedente, mutilando os Evangelhos e as Epistolas do modo, que lhe aprouve.

Foi o *Demiurgos*, que formou o homem, mas não soube nem constituir-o, nem protegê-lo assaz contra as seducções do demonio, não preveniu a sua queda, nem os males, que d'ahi resultaram.

Para Marcion, o *demiurgos* é o *Ichorah* dos judeus.

D'ahi a necessidade d'um poder, que subtraísse todos os homens ao imperio d'esse genio secundario, esse poder foi Christo, mal comprehendido dos apóstolos e dos seus successores.

Por estas theorias, apesar de chimericas, vemos que o problema do bem e do mal sempre agitou o espirito humano, e que a este respeito nenhuma doutrina o satisfaz ainda.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## Escola Movel Agricola

Conde de Succena

A inauguração da 3.ª missão

Domingo passado, real sou-se, como preannunciáramos, no theatro d'esta villa, a sessão solemne, inaugurando a 3.ª missão da Escola Movel Agricola Conde de Succena.

A's 11 horas do dia, a commissão, acompanhada do Presidente da camara municipal, administrador do concelho, autoridades judiciaes e ecclesiasticas, representantes do commercio, da industria e da agricultura e das pessoas mais grãdas das freguezias circunvisinhas, dirigin-se para a estação dos caminhos de ferro afim de esperar o nosso collega Snr. Bento Carqueja organisor da mesma, escola e distincto director d'«O Commercio do Porto,» e os representantes dos demais periodicos d'aquella cidade.

Cêrca do meio dia, eutrava nas agulhas o comboio tramway em que vinham aquelles cavalheiros, e á sua chegada fôra annunciada por uma girandola de foguetes, executando, então, o «Hymno da Carta» as bandas—«Bombeiros Voluntarios d'Ovar» e «Ovarense».

Chegado á estação, foram-lhes levantados entusiasticos vivas pela enorme multidão que se apinhava na *gare*. Depois de trocados os cumprimentos do estylo, organisou-se um cortejo até ao theatro, onde devia celebrar-se a sessão, o qual foi sempre seguido por extraordinario numero de pessoas, predominando as da classe agricola, sendo erguidos, durante o trajecto, vivas colorosos ao sr. Conde

de Succena e Bento Carqueja, á imprensa do Porto, d'esta villa e do paiz.

A' uma hora da tarde, entrou n'esta villa, vindo no seu esplendido automovel, o grande benemerito Conde de Succena, subindo ao ar, á sua chegada, numerosas girandas de foguetes, sendo S. Ex.ª alvo d'uma ovação delirante.

S. Ex.ª, que era acompanhado do nosso particular amigo Luiz de Mello Freitas Pinto, após os cumprimentos dirigiu-se para o theatro, onde era esperado por pessoas de todas as classes sociaes e pelas duas bandas de musica.

O theatro, artisticamente decorado, estava completamente cheio. No palco fôra collocada a mesa presidencial, e ao fundo formada a banda dos Bombeiros Voluntarios, que com sua brilhante corporação fazia a «Guarda d'honra» tendo a respectiva bandeira.

A um lado da meza ficaram os representantes da imprensa do Porto e d'aqui, vendo-se do outro lado os snrs. Dr. Joaquim Soares Pinto, Presidente da Camara, Dr. José Ferreira Marcellino, administrador do concelho, Dr. Juiz de Direito, Dr. Delegado, Dr. Fidalgo, medico, Dr. Valente, recebedor, Dr. Alberto d'Oliveira e Cunha, abbade d'esta freguezia, Dr. Descalço Coentro, Dr. Pedro Chaves, Dr. Sobreiras, os vereadores Manoel Gomes Larangeira e João Marques Cantinho, Manoel Antonio Lopes, abbade de Cortegaça, P.º Maia, João Saavedra, inspector das Escolas Moveis Agricolas, José Vidal, sub-inspector primario, Francisco de Mesquita Guimarães, etc.

Nos camarotes viam se muitas senhoras, ostentando ricas toilettes.

Findos os applausos e vivas ao sr. Conde de Succena, o sr. Dr. Joaquim Soares Pinto, assumiu a presidencia, convidando para secretarios os snrs. Conde de Succena e Dr. Sobreiras, advogado—notario.

O sr. Presidente, n'um brilhantissimo discurso inaugural, agradeceu a honrosa deferencia de o terem nomeado para aquelle logar, pondo em evidencia que a escola, com que Ovar ia ser dotada, representava um alto beneficio, cujos resultados salutareos, só mais tarde podiam ser devidamente apreciados. Sua Ex.ª rematou o seu empolgante discurso, dizendo que a agricultura é a alavanca mais poderosa da riqueza d'um paiz e, portanto, em nome do povo do concelho d'Ovar, que vae receber esse grande beneficio, agradece ao benemerito instituidor e protector da Escola Movel Agricola Conde de Succena, certo de que os lavradores d'este concelho, procurarão corresponder á generosidade da offerta com o maior aproveitamento.

S. Ex.ª foi muito applaudido. Seguiu-se no uso da palavra o sr. Bento Carqueja, que, n'uma oração notavel, teve os mais rasgados elogios ao sr. Conde de Succena, a quem o povo d'Ovar, de braços abertos, prestava homenagem, e expõe em forma clara o fim das escolas moveis agricolas, apresentando, em synthese, os modernos processos applicados á industria agricola.

A sua oração foi coroada de applausos.

N'esta occasião, as galantes meninas Olivia Sobreiras, Maria Celeste Carrelhas e Izoete Bordallo Coelho, vestidas elegantemente, com pitorescos costumes d'Arada, d'este concelho, offereceram ao sr. Conde um magnifico e vistoso bouquet de flores e plantas naturaes, com fitas azues brancas, pronunciando uma d'ellas as seguintes palavras:

Snr. Conde: As lavradeirinhas d'Ovar offerecem a V. Ex.ª este bouquet para ser entregue á Ex.ª Sr.ª Condessa de Succena. Muitas palmas acolheram as nossas formosas e gentis *vareirinhas*.

Fallou em seguida o sr. dr. Pedro Chaves, que dissertou sobre o fim das escolas moveis agricolas, recommendando a todos que não faltassem a ouvir as lições. Foi muito applaudido.

Em seguida usou da palavra o Sr. Conde de Succena, dizendo que agradecia reconhecido as manifestações com que fôra recebido, e apenas pedia aos lavradores que frequentassem a escola, prometendo voltar a esta villa mais tarde para premiar devidamente aquelles que melhor se distinguissem pelo seu aproveitamento.

As suas palavras foram recebidas com freneticos applausos.

Por ultimo, o sr. Bento Carqueja annunciou que a escola abriria no dia seguinte 2.ª feira ás 7 horas da tarde, abrindo ao mesmo tempo a aula de instrucção primaria, onde é ministrado o methodo João de Deus.

O sr. Presidente propoz, sendo aprovado por aclamação, que se enviasse um telegramma a El-Rei, communicando-lhe a constituição da escola, encerrando em seguida a sessão, depois do sr. Vaz Guedes haver lido a acta que foi assignada por muitos cavalheiros presentes.

A sessão terminou ás duas e meia horas da tarde.

Reinou sempre a mais franca cordealidade durante o jantar, trocando-se, ao *toast*, entusiasticos brindes.

Os representantes da imprensa do Porto retiraram no comboio tramway que sahe d'aqui ás 5,55 da tarde.

O sr. Bento Carqueja, com sua esposa e gentil filhinha, partiu para a sua casa em Oliveira d'Azemeis.

O nobre Conde de Succena seguiu em automovel á noute para Agueda acompanhado do sr. Mello.

Em Vallega, á passagem do Sr. Conde de Succena para esta villa, uma numerosissima multidão de pessoas de todas as categorias sociaes, fizeram ao grande benemerito uma manifestação imponente, queimando-se innumeras girandas de foguetes.

O nosso amigo João Pinto Camello, illustrado pharmaceutico n'aquella freguezia, pronunciou um breve, mas eloquente discurso, pondo em relevo os excellentes sentimentos do humanitario instituidor das Escolas Moveis Agricolas, e agradecendo em nome do povo da sua freguezia ao sr. Conde de Succena a gentileza da offerta da Escola Movel Agricola ao concelho d'Ovar.

Sua ex.ª o sr. Conde de Succena retirou commovidissimo, no meio das mais sympathicas e vehementes aclamações.

Entre outras pessoas, recorda-nos termos visto, n'esta espontanea manifestação os seguintes srs.:—Dr. Lamy medico, José Luiz Veiga, regedor e juiz de paz d'aquella freguezia, Dr. Manuel Lourenço de Pinho, Manoel d'Oliveira Reis, Antonio Godinho d'Almeida, Custodio José de Pinho, Francisco Marques d'Oliveira, Joaquim Manoel dos Santos, Antonio Maria de Moraes Ferreira, Manoel Maria de Moraes Ferreira, Manoel Albino da Cruz, José da Silva Novo, Antonio Rodrigues Barge, Antonio da Cunha e Silva, Antonio da Silva Pinto, Antonio Paes e Silva, Manoel da Silva Pinto, Manoel Custodio Pinto Val a, Manoel Maria Fernandes Guimarães, Antonio Bento da Silva Valente, Antonio da Silva Valente, Antonio Lourenço de Pinho, Manoel Augusto da Silva, Manoel da Silva Henriques, Custodio Pereira da Silva e Manoel d'Oliveira Valente.

A theoria e fabrico dos vinhos

Vamos explicar aos agricultores o que se passa na formação dos vinhos, a fim de que possam conhecer e avaliar a razão das boas praticas.

PRIMEIRA PARTE

Natureza e disposição das substancias, que compõem o bago da uva verde e madura: quaes se formam, quaes desaparecem no vinho: actos chimicos de cada um dos seus elementos: estados diversos, a que chamamos mosto, imperfeito, puro e velho: especies, qualidades e defeitos.

Pelas quatro horas da tarde realisou-se em casa do sr. José Vidal o banquete oferecido pela Commissão.

## I

O bago da uva é formado:

1.º De uma película exterior ou casca coberta de um pó ceroso.

2.º De uma película subadherente, onde se acham, tanino, materias gordas e azotadas, e essencias aromaticas.

3.º Do miolo, no qual existem o assucar, os acidos, os saes, a pectina, e o fermento no estado de albumina solúvel.

4.º De duas, tres ou quatro grammas, contendo fecula, um oleo de mau sabor e tambem tanino e materias azotadas.

Na uva verde só se acham a cellulose, o tanino, os acidos, a pectose e as materias azotadas.

Portanto na passagem da uva verde para a uva madura, é que se formam, o assucar, a tinta, os oleos, as essencias, e a pectina.

Influindo o calor na maturação e por conseguinte no grau saccharino, e sendo o assucar o que depois se converte em alcool, vê-se quanto se deve attender á epocha da vindima.

## II

O assucar vem dos acidos e dos taninos, que em transformações successivas diminuem á medida que o assucar augmenta: assim o acido succinico pela sua oxidação, isto é, pela sua combinação com o oxigenio muda-se em acido malico, este do mesmo modo em acido tartrico, o qual, perdendo a agua, se transforma em assucar: tambem n'esta substancia se convertem a cellulose e a pectose, mas fixando pelo contrario uma certa quantidade de agua.

A pectina nasce da oxidação e hidratação da pectose?

Não se sabe com certeza como se formam os oleos e as essencias.

## III

E que substancias apparecem no vinho?

- 1.º Agua.
- 2.º Alcool ethylico e outros.
- 3.º Aldehydes.
- 4.º Ethers, acetico, butyrico, oenantico, tartrico e outros.
- 5.º Oleos essenciaes.
- 6.º Assucar.
- 7.º Manite.
- 8.º Mucilagem, gomma e destina, olnantina, proteina.
- 9.º Materias corantes.
- 10.º Materias gordas e azotadas.

12.º Saes vegetaes: acetatos, actactos, propionatos, racematos, butyratos, e tartratos de potassa, neutro de cal, neutro de amoniaco, acido de alumina, só ou com potassa, dito de ferro, idem.

13.º Saes mineraes—sulphatos, azotatos, phosphatos, silicatos (de soda, cal, e potassa), chloruretos, bromuretos, ioduretos fluoretos (de magnesia, alumina, oxido de ferro, e amoniaco).

14.º Acidos livres: carbonico, tartrico, recemico, citrico, tanico metapectico, acetico, lactico, butyrico, valerico.

Comparando o sumo da uva madura com o vinho depois de feito, vê-se que apparecem n'este os alcools, os ethers, e acidos organicos que não existiam n'aquelle, que desaparece o assucar, todo ou na maxima parte, e que ainda se vão transformando depois muitas substancias restantes.

Dão se pois transformações e a principal é a do assucar em alcool.

Qual é a causa d'ellas, o que é que as determina?

## IV

Que exige a transformação do assucar? que haja uma fermentação, e para esta ter logar que haja um fermento.

E d'onde vem esse fermento? São as substancias azotadas da uva, que n'elle se convertem. E como!

Combinando-se com o oxigenio do ar; sob a influencia dos germens atmosphericos organisam-se em globulos e reagem sobre o assucar com que estão em contacto depois da pisagem.

Na vinificação ha fermentações de varias especies: e são provocadas ou por diversos fermentos ou pelo mesmo que se modifica.

Não discutimos aqui a existencia nem a acção dos germens atmosphericos: deixaremos essas questões para o fim do nosso trabalho.

## V

No vinho ha productos constantes e outros accidentaes: estes dependem da qualidade da uva, ou do modo e circumstancias do fabrico: aquelles existem antes de qualquer processo;—estas formam-se depois na fermentação, nas combinações, e nas misturas.

Note-se que uma combinação é um corpo ligado a outro em certas e determinadas doses, e formando ambos um novo com propriedades differentes; na mistura unem-se, conservando cada um as suas qualidades distinctas e a sua individualidade.

Os acidos organicos são livres ou combinados: uns já existentes no sumo da uva, outros originados depois, e pertencem aos primeiros o tartarico, o racemico, o malico; e aos segundos, o butyrico, que dá

aos vinho o sabor untuoso e o aroma do queijo: o succinico, de que vem o aroma balsamico do vinho velho; o acetico, que é uma combinação do alcool com o oxigenio; o oenantico, que resulta da transformação das materias gordas; as que se produzem não só no mosto em fermentação tumultuaria, mas tambem nas fermentações successivas, assim como a glicerina, base de todos os corpos gordos.

O acido butyrico ou provem de uma fermentação especial e diversa da alcoolica, e a gomma, o tartro, o acido malico, e o assucar podem fornecel-o, ou o fermento alcoolico se apropria do azote da materia azotada do mosto e a converte em acido butyrico.

## VI

Que modificações acompanham e se seguem á conversão do mosto em vinho imperfeito, ou impuro?

D'essas modificações são agentes, o alcool, o tanino, e o tartro, e o proprio acto da fermentação, e quaes são ellas?

1.º O alcool tem a propriedade de precipitar as materias azotadas, ou fermentos, e tambem os tartros, mas dissolve a tinta d'estes, conservando-a no vinho.

O alcool tem muita afinidade para a agua e os dfferentes alcools não são mais do que o mesmo corpo em que entram doses diversas de carbone, hydrogenio, e oxigenio: o mais abundante no vinho é o ethylico e compõe-se:

De carbono C4, ou 4 doses de carbono equivalentes e não iguaes ás de hydrogenio H6, e de oxigenio O2.

A formula do alcool butylico é de C8, H10 O2.

2.º O tanino substancia adstringente precipita as soluções de gelatina, ligando-se a este corpo em um estado de sal, ou tanato insolúvel, e como insolúvel, deposita-se com ellas no fundo das vasilhas.

O tanino varia na uva, é um na casca e na grainha, e outro no bagoço.

Transforma-se em certos casos em assucar e acido galhico.

E' o preservativo dos vinhos, conserva-os, porque torna insolúveis os fermentos e impede as fermentações, que podiam alteral-os.

A materia corante segue o tanino, mas o alcool a dissolve de novo e conserva a maior parte d'ella.

3.º O tartro é o primeiro sal que se deposita, porque o alcool que se vae formando tem a propriedade de o tornar insolúvel, e ao passo que ligando-se ao acido tartarico o etherisa, e o faz desaparecer, mais actua n'aquelle,

porque um sal é sempre menos solúvel na ausencia do seu acido.

O tartro é o dissolvente natural das substancias albuminosas; ora faltando elle no vinho, os fermentos condensam-se, tornam-se mais pesados, e descem.

Os tartros do vinho são saes organicos formados do acido tartrico com as bases, potassa, cal, e magnesia.

Diremos o que é um sal e uma base; sal é um corpo resultante da combinação de um acido com uma base: a base é qualquer metal em um certo grau de oxigenação, isto é combinado com uma certa dose de oxigenio.

Note-se que o calclo, o potassio e o sodio, são metaes.

O mais abundante é o bitartro de potassa, cuja fórmula é:

Acido tartrico	70,45
Potassa	24,82
Agua combinada	4,73

O sarro dos toneis é um tartro formado d'este ultimo, do tartro neutro de cal, e uma porção de materia corante.

4.º—Na fermentação tumultuaria do mosto a sua materia albuminosa passa ao estado de fermento, organisa-se em presença do ar e do assucar e de solúvel, que era, torna-se insolúvel.

Eis ahi como algumas d'estas diversas substancias, actuando uma sobre as outras e precipitando-se, vão depurando o vinho, e outras subsistindo, ou transformando-se, constituem o vinho puro.

Continúa.

Lourenço d'Ameida e Medeiros.

## Chronica d'um

## vagabundo

## Carta a L...

Foi n'um d'esses dias tetricos d'inverno, em que passeiam pela terra, de latego em punho, os elementos...

Era a orchestra da natureza executando uma symphonia conhecida — a das tempestades — abundante em accordes magestosos.

O vento bramia n'um crescendo sonoro, ramalhando com fragor os braços esqueleticos das arvores, que tinham crispações dolorosas ao chocarem-se, quasi como duas laminas cruzando-se n'um duello sangrento.

Foi n'um d'esses dias que meus dedos, esmiuçando cousas antigas e embaralhadas, tocaram um achado que me fez estremecer.

Não sei como relanciei a vista por aquelle feixe de cartas. Foi a meiga Venus que m'o inspirou talvez, afim de relembrar com uma saudade toda a doçura d'aquellas letras que me dirigiste, quicá rociadas com a orvalhadela d'uma ou outra lagrima.

Então entravam-me ellas no coração com a alegria que acompanha a aurora.

Como é differente, porém, a impressão que produzem hoje.

Saudade dos dias em que se acreditava, de mente pura, n'essas linhas adoraveis, e se escreviam outras não menos adoraveis—pelo menos para mim que julgava trasladar fielmente o que se passava dentro d'alma?

Pura illusão de creanças... Fitei de novo esse feixe de cartas. Juntas umas ás outras, con-

## "O LAVRADOR,"

(J. M. A.)

(Ao meu Ex.<sup>mo</sup> e presado amigo Joaquim Duarte Pereira do Amaral). (Sande.)

«Louvado Deus! (o lavrador dizia, Ao ver o trigo sazonado e loiro, Sobre o qual espargia raios d'ouro O lucido planeta, em claro dia.)

«Tens para mim, seara, gran valôr, Qual se fôras riquissimo thesoiro: Ah! vens livrar-me do maior desdoiro, Que eu triste devedor, cortir podia.

«Motivos de prazer me sobram, pois, Na esperança e pers pectiva aurifulgente De embargo não soffrer na casa e bois.

«Hão—d'evolar-se as brumas do presente E o sol brilhar esplendido! Depois, Pôssô morrer, que morrerêi contente.

Trovador.

ao teu manto gordorento e ropto; prefiro a fama de amavel conviva á do homem austero e triste como tu; tu amas a censura e a maledicencia, eu os gracejos e os louvores. E' bom ou mau o meu systema? Que digam os que nos ouvem. Xenocrates quiz replicar, mas a sua voz foi abafada pelas gargalhadas estrondosas da multidão que os rodeava.

Aristippo, já atrasado caminhava a passos ligeiros para chegar a casa do seu amphitrião, quando Diogenes, lavando as hervas da ceia, o retem e o exprobra d'este modo.

—Parasita dos grandes, se souberes como eu sujeitar-te a hervas e raizes tu não te importarias com os lautos jantares e deixarias de ser um cortezão.

—E tu, Diogenes, se souberes a arte de fazer a corte aos ricos e de lhes agradar, as tuas hervas não tardariam a serem despresadas.

Chega finalmente Aristippo a casa de Chrisides, todos os convidados estavam á mesa e o reprehendem pela demora.

—Os culpados são Xenocrates e Diogenes, um queria pôr-me a verde e o outro a pão e agua.

Elle dizia aos cynicos seus contemporaneos: que não deixa-

vam de criticar o seu gosto pelo luxo:

—Admiro-vos a maneira como vivo: mas não serão dignos de maiores reparos estes homens cuja barba espessa os invadece, um pau nodoso, um manto esboracado, sob o qual escondem a immundicia?

Aristippo é dotado d'um excellente coração; exprime-se facilmente, nunca lhe faltam os gracejos finos e ditos alegres. E' um habillissimo cortesão junto dos reis e das mulheres; é tão dextro tão insinuante que obtem tudo o que deseja.

Tem espirito forte para não se importar dos insultos dos grandes e lhes responde com anedoctas que muito os divertem.

Todas estas qualidades lhe atraíram a amizade de Dionisio, tyranno [de Soracusa que o tem na sua corte mezes seguidos, e quando aqui principia a aborrecer-se, procura j'outras convivencias; é assim que passa uma parte da vida; a outra consagra a ao amor e ao estudo.

Dionisio perguntou-lhe porque é que se vêem os philosophos em casa dos grandes e nunca estes em casa dos philosophos?

—E' que os philosophos conhecem as coisas de que precisam

## FOLHETIM

## NOITES DE CORINTHO

por Debay

## Os Serões de Lais

## IX

Um dia, embarcando de Egina para Samos um passageiro avisa-o confidencialmente de que o navio pertencia a piratas. Sem perda de tempo desata a bolsa do dinheiro que levava e eil-o começa a contar-o; de repente deixa-a cair no mar, acompanhando o fingido descuido com uma grande exclamação de desespero; em seguida diz em voz baixa a quem o tinha avisado.

—E' infinitamente preferivel que Aristippo perca o seu dinheiro, a ser este a causa da sua morte.

Passando pelo mercado comprou uma perdiz por cincoenta drachmas; um individuo que estava presente não pôde deixar de censurar esta excessiva despeza.

—Se esta perdiz não custasse mais d'um obolo, não a comprarias? lhe pergunta Aristippo.

—Com certeza.

—Pois tu tens mais apego a um obolo do que eu a cincoenta drachmas.

N'um outro dia compra por elevado preço alguns doces; certo philosopho quiz reprehendel-o.

—Não darias alguns obolos por estes doces, e não gostarias de comel-os?

—Sem duvida.

—Então não sou tão goloso como tu és avaro.

Platão, achando-se em casa d'Aristippo, viu trazer grande quantidade de peixe, e o reprehendeu por esta prodigalidade.

—Todos estes peixes custaram dous obolos; foi a sua barateza que me levou a compral-os.

—Por esse preço eu faria o mesmo, diz Platão.

—Não és menos sensual do que eu, só és mais avaro.

O sophista Polixenes indo visitar Aristippo encontra-o com muitas damas bem ornadas e deante da mesa cheia de iguarias, quiz declamar contra o luxo e moralisar.

O philosopho ouve-o alguns momentos apoz os quaes o interrompe para lhe perguntar se quer tomar parte do festim?

Polixenes tendo annuido, accrescenta Aristippo:

—Que motivo tens agora para

desencadear a tua eloquencia contra este meu procedimento? O teu appetite e o modo de comer me provam que não és inimigo dos bons manjares; não criticas se não a despeza.

O nosso philosopho tinha em Athenas a reputação de goloso e de amavel conviva, tão justa que não havia banquete aristocratico para o qual não fosse convidado.

Uma tarde em que elle se dirigia a um jantar em casa do financeiro Chrisides, encontrou Xenocrates que em termos brutaes o agride.

—Meu querido Xenocrates já vou tarde, não ha tempo para responder-te.

—Vejam-n'o continuou Xenocrates, este philosopho perfumado, de cores frescas, de cabellos anelados, este convidado de todas as mesas, ricamente vestido, sempre rindo, gracejando constantemente, que frequenta as cortesãs, e não acceita da vida senão os prazeres... Diz mancebo dissipado, é esse todo o fructo colhido das lições de Socrates?

—E', confesso-o, eu gosto dos bons jantares e prefiro-os aos teus; prefiro a minha alegria á tua tristeza, a minha phisionomia risonha á tua com ares de enfado, o meu trajo limpo e com perfumes

servavam ainda, como recordação d'essa epocha em que fomos tão felizes, o aroma capitoso das laranjeiras em flor, com as suas côrsas de virgem abertas aos osculos do sol.

Uma curiosidade maligna de rever aquellas linhas me assaltou. Ellas que me traziam absorto durante tantos dias; que eu decorava e ressuscitava a cada instante, mal floressem ao pé de mim os arrulhos dos rouxiões; os suspiros da brisa; os murmúrios dos regatões, os cantos das nymphas de fontes solitarias.

E estes ferozes dias invernaes, dias de threnos lastimosos que solta o vento por altas horas da noite, são os mais proprios para avivar recordações de tempos felizes em que se vivia illusoriamente com a promessa fagueira, mas fallaz, de tempos felizes...

Reli, essas cartas, chronologicamente, pela ordem porque m'as enviaste.

Vae-se sentindo, n'uma gradação soberba, tornarem-se as expressões mais fogosas, como n'um grande crescendo de luz, como a manhã que se rosa purpureamente e se vae aclarando até o sol tocar o pico dos montes.

Depois, como se estivessem cangadajá de amor, vem a frieza gelar as expressões das ultimas missivas, essa ultima correspondencia trocada fraternalmente entre ambos.

E a velha amizade de duas almas quebrou-se.

O ultimo laço d'essa affeição tinha-o junto a mim bem perto dos labios que tantas vezes beijaram as tuas primeiras cartas.

E quasi me inclinava a beijar tambem esse ultimo laço da nossa affeição, osculal-o, devota e reconhecidamente, pois terminou por uma vez com a illusão assás amarga em que me embriagara...

Que encanto na timidez que manifestas no modo de dizer duas coisas a outra pessoa, essa timidez de donzella que se retraho do convívio dos homens—como uma flor mimosa do toque da brisa—.

E dizer-se que os corações foram creados uns para os outros, imanisados, a tenderem eternamente n'um amplexo delicioso e casto!...

Ah! parece que chego quasi a adorar, na imparcialidade fria com que as soletro, aquellas expressões timidas, simples que te nasciam do intimo d'alma.

Essas foram, na verdade, as mais sinceras palavras que te ouvi; as outras, todas as outras foram só fingimento e tortura.

Mais tarde o tom affectuoso, mais desafogado n'aquellas palavras cheias de veneno.

Não ha como as mulheres para o escarneo; não ha como ellas para o engano.

E todavia devem ser santos os corações das mulheres; como divinos são os aromas das flores.

Ludibriando o mundo, assassinando amores sinceros, zombando da boa-fé do sexo forte e antipathico vão atravessando a vida, para depois na morte se chorarem como anjos que a terra perdeu.

Tu foste um anjo pelo sentimento, franqueza e sinceridade fraternal das primeiras missivas que eu lera como coração palpitante de uma affeição santa.

Mas nas outras, onde a cada syllaba eu sinto o gargalhar do desdem, representaste, deixa-me dizer, um horrivel demonio.

E' realmente doloroso pensar que uma mulher teve a ousadia de punir d'aquella maneira um homem que amava para não morrer...

Coração sem fel, terno coração de mulher, arca sagrada dos mais lidimos affectos, ara preciosa dos mais acrisolados sacrificios, mulher ou anjo, perdôa as phrases scepticas d'um illudido, d'um vencido da vida, perdôa!...

A mulher é o anjo que suspende a espada do Destino que sobre o homem peza, prestes talvez a cercar-lhe toda a felicidade. Ella sustem o frnacão da doença que ameaça roubar-lhe do bercito de rosas o filho querido...

E as tuas cartas que occasinaram estas reflexões, á laia de oratoria quaresmal, lá ficaram dissepadas espalhando o aroma das laranjeiras em flor.

Quando as trevas da noite invernosa me convidaram ao somno pareceu-me vêr n'uma fogueira satanica esse feixe de cartas. Repelli a tentação diabolica, e quando me levantei corri a vel-as.

Lá estavam ainda. De novo ligadas, voltaram á paz do olvido entre as coisas esquecidas.

Talvez este procedimento me absolva no teu conceito das palavras que acima te dirige. Deus.

Onkip.

Boletim Elegante

Fez annos, no dia 15 o menino José, filho do nosso estimavel amigo o snr. Francisco Ferreira Coelho, importante proprietario d'esta villa.

—Tem-se achado encommoado, por virtude de constipação o Snr. Dr. José Ferreira Marcelino, advogado e administrador d'este concelho.

Desejamos o seu prompto restabelecimento.

NOTICIARIO

Tempo

Não ha duvida de que o tempo que tem feito e que continua fazendo é realmente esplendido e amoroso.

A mocidade solteira pula de contente logo ao erguer-se, ao vêr como o sol nasce radiante e quente, proporcionando-lhes assim um dia mesmo a calhar para a continuação das suas conquistas amorosas, que na verdade são um nunca acabar, graças a Deus! e não só pulam como tambem cantam do que em razão do antigo dictado, se conclue que: «Quem canta antes de almoçar ou é tolo ou quer casar».

Mas já não succede assim com o lavrador, que está precisando de chuva, como de pão para a bocca, e, n'este cazo, bom será que ella nos honrê com a sua visita, e a mocidade solteira que... suspenda durante os dias de chuva as suas conquistas, com o que não terão senão a lucrar, pois que depois d'um periodo de falta de relações deverão continual-as com mais ganancia.

ENLACE

No dia 12 do corrente teve lugar na igreja da Sé do Porto, o enlace matrimonial do snr. Joaquim de Lemos Pinheiro, com a menina Rosa Augusta da Silva Pinheiro, d'esta villa.

Este nosso amigo foi por alguns annos zeloso empregado na repartição de fazenda d'este concelho, sendo o hoje na do concelho de Albergaria.

Desejamos aos noivos mil venturas e felicidades.

ESCOLA MOVEI AGRICOLA

«CONDE DE SUCCENA»

Esta escola tem sido muito frequentada pelos lavradores de todos os logares d'esta freguezia d'Ovar, e os assumptos das lições explicativas durante a preterita semana, foram: Terrenos argilosos e arenosos, calcareos e humiferos. Plantas esgotantes e fertilisantes.

Adubos; Estrume de curral, moliço e mexoalho, etc. Adubos chimicos.

Trabalhos praticos realizados: Inspecção a vinhas doentes. Lições practicas de podas de vinhas. Preparação de terreno para a plantação da vinha.

—Hoje realisa-se, em Esmoriz, no adro da igreja pelas 8 1/2 horas da manhã uma palestra.

NOVO HOTEL

Abriu ao publico, n'esta, villa, um novo hotel de que é proprietario o nosso amigo João Antonio Lopes.

O hotel encontra-se installado na rua da Praça e offerece optimas condições, attento o acceio esmerado e a modicidade de preços, pelo que se faz recommendado a todos os que desejem frequencia d'estabelecimento d'este genero.

Todos os snrs. estranhos a esta villa deverão dirigir se a este hotel onde poderão pernoitar.

FOGACEIRAS

Realisa se hoje, na visinha Villa da Feira, a tradicional e sui generis festa denominada «As Fogaceiras», onde costuma affluir gente de todos os concelhos limitrophes; e este anno, é de esperar que a concorrencia seja desusada, em razão do bello tempo que faz.

NOTAS FALSAS

Andam em circulação bastantes notas falsas de 25509 e de 58000 réis.

O publico que se acautelle e não se deixe lograr, quando alguma d'aquellas notas lhe for parar ás mãos.

S. FRANCISCO DE SALES

No proximo domingo, 27 do corrente, realisar-se-ha, na Capella do Calvario, a festividade em honra de S. Francisco de Sales, a expensas da sua Associação.

Pelas 10 1/2 horas da manhã começará a missa a grande instrumental cantada pelo nosso dignissimo abbade, dr. Oliveira e Cunha, havendo sermão ao Evangelho.

De tarde, das 3 para as 4 horas, haverá novena de musica e sermão. Tanto de manhã como de tarde fallarão dois distinctos oradores.

Toma parte a phylarmonica «Ovarense».

Chronica Theatral

(A Morgadinha de Val-flôr)

Na quinta-feira subiu á scena, no nosso theatro, *A Morgadinha de Valflôr*, peça conhecidissima e original do brilhante e fallecido escriptor Pinheiro Chagas.

Fazer a critica do drama, seria vaidade nossa, pois pouca gente haverá que o não conheça.

Logo que no cartaz se annunciou a *morgadinha* que as sympathicas actrizes Silvina e Izabel escolheram para a noite do seu beneficio, profetisamos que a enchente seria certa.

A razão era simples: a escolha da peça e a sympathia de que gosam aquellas actrizes.

Teve, pois, a *morgadinha*, as horas de uma casa á cunha.

Não queremos fallar de todas as personagens. Citaremos Amelia Rodrigues que no papel de *morgadinha*, mostrou que é a artista intelligente que nós bem conhecemos. Teve de lutar com algumas difficuldades, pois era a primeira vez que desempenhava aquelle papel, e apenas com quatro ensaios a conscienciosa artista fez bastante e a plateia não tinha o direito de exigir mais. E' certo que ella mal sabia o papel, e se sustentou muito regularmente naquellas scenas violentas com Luiz Fernandes, o pintor, n'um verdadeiro duello de phrase, sempre elegante e caustica, como a soube conceber o alto e fino espirito de Pinheiro Chagas.

E se era indispensavel, para isso, ter bem estudado o papel, todavia Amelia Rodrigues soube colorir a falta. E demais, esta artista tinha, a contraria-a, o facto da sua collega Urbana haver desempenhado o mesmo papel, ha dois annos, com muita correccão.

Augusto, sempre bom e correcto, e os restantes personagens não desmancharam o conjuncto.

Para hoje annuncia-se *As pupillas do Snr. Reitor* extrahida do livro do mesmo titulo, do glorioso e chorado escriptor Julio Diniz.

E' de crêr farta concorrencia, attendendo á escolha da peça, e a que a acção se passa em Ovar.

PESCA

Tem continuado o trabalho de pesca, na Costa do Furadouro, tendo havido lanços de 250\$000 para baixo.

Nos dias em que tem havido trabalho, a nossa costa, devido á concorrencia de povo, tem-nos dado a ideia de que estamos em plena epocha balnear; só achamos uma differença que é a falta do elementos feminino, que n'este tempo foge dos banhos como o diabo, da cruz, comquanto haja muito que necessite d'elles.

Aos nossos lavradores

O *Diarto do Governo* publicou no dia 12 a seguinte portaria:

«Sua Magestade El-Rei, a quem foram presentes as deliberações da camara municipal de Lisboa de 17 de dezembro ultimo acerca da venda de carne de vacca, permitindo sem limitação de numero os talhos particulares com sujeição a determinadas condições e a uma tabella de preços maximos na venda, sendo livre a compra do gado para o respectivo fornecimento, e mantendo temporariamente os talhos municipaes:

Considerando que estas deliberações excedem a competencia da mesma camara, definido no artigo 50.º n.º 15.º do codigo administractivo, cujos limites só pelo governo podem ser ultrapassados no uso das facultades que lhe confere a base 2.º do artigo 1.º do decreto com força de lei de de 8 de agosto de 1901, os quaes abrangem tanto o commercio como o fornecimento de carnes para o consumo do referido municipio:

Considerando que, no exercicio das suas facultades tutelares, cumpre que o governo attenda não só os interesses privativos de qualquer municipio, mas tambem os do consumidor e os do Estado, e portanto, os geraes das classes e industria com que estes se relacionam concordando-os por maneira que a todos se pondere, ficando uns e outros devidamente resguardados;

Considerando que as sobreditas deliberações afastando-se do systema cujas bases foram autorizadas pelo decreto de 10 de abril de 1902, deixam os interesses geraes da agricultura desamparados de garantias, que aliás as circumstanc as actuaes recommendar:

Ha por bem denegar-lhes a approvação e nomear uma commissão composta do presidente da camara municipal de Lisboa, Theodoro Ferreira Pinto Bastos, que o será tambem da commissão, do vereador da mesma camara, José Bello, do presidente da Real Associação Central da Agricultura, conselheiro Francisco Augusto de Oliveira Feijão, do socio da mesma Real Associação, Abel Fontoura da Costa, e do fiscal do actual contracto de fornecimento de carnes ao dito municipio, João Viegas de Paula Nogueira, a fim de propor, até o dia 25 do corrente mez e em harmonia com estas considerações, o regime de fornecimento e venda de carne de vacca em Lisboa que, sem encargo do cofre municipal, tenham por mais adequado para assegurar á agricultura uma razoavel protecção e ao consumidor apreciavel diminuição dos preços actuaes na compra das mesmas carnes, sem prejuizo da sua boa qualidade».

AGRADECITOME

A familia e aparentes da fallecida D. Maria Barbosa Rifa da Gama e Quadros, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhes apresentaram cumprimentos de condolencias, e acompanharam a mesma fallecida á sua ultima morada, protestando, a todas o seu mai elevado reconhecimento e gratidão.

- Maria Barboza da Gama e Quadros.
- Maria Emilia Barbosa de Quadros e Almeida.
- Felicidade Augusta da Gama Baptista.
- Helena d'Albuquerque de Quadros.
- Bernardo Barbosa de Quadros
- José Barbosa de Quadros
- José Antonio d'Almeida.
- Frederico Ernesto Carmarina Abragão.
- João d'Oliveira Baptista.

DECLARAÇÃO

Manoel da Silva Henriques, de Vallega, é senhor e possuidor d'uma armação funebre, e estando proxima a venda da mesma armação, intima qualquer pessoa, que se julgue com direito á mesma, a apresentar documentos comprovativos no prazo de 15 dias a contar d'hoje; e isto para os effeitos legais.

Vallega, 14 de Janeiro de 1907.

Manoel da Silva Henriques

Nova officina de Carpinteria e merceneria

R. DOS CAMPOS—OVAR

O proprietario d'esta officina participa, aos seus amigos e ao publico em geral, que se encarrega de executar, com a maxima perfeição e modicidade de preços, todas as obras, que dizem respeito á sua arte.

Grande sortimento em malas.

Manoel Lopes (Palavra.)

(Continúa.)

C. M.

# ESTAÇÃO FRIORENTA

Depois da quadra d'estio,  
Em que a gente andava a arder,  
Entrámos agora no frio;  
E o que havíamos nós de fazer,  
Se não nos valesse o Luzio?...

C'o... nariz sempre a pingar,  
Quando, pois, ninguém julgava  
De a isto vir a chegar,  
Quem elle então acalmava  
Tem que agora acalorar.

Deixae-me portanto dizer,  
A vós meninas com brio:  
—Não vos deveis esquecer  
D'entoar «Gloria ao Luzio!»...  
Que é quem vos hade... aquecer.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco  
**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO**

## MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender  
Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.  
Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

## OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE  
**VICTORINO TAVARES LISBOA**

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

## EXTRACTO DO CATALOGO

DAS  
Obras á venda no BAZAR FENIANO  
DE

**ANTONIO DA SILVA SANTOS**

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

## Continuação do Catalogo do Bazar Feniano

Verdadeira significação dos sonhos . . . . .	60
Rei das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal . . . . .	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado . . . . .	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões . . . . .	60
Historia dos dois compadres . . . . .	60
Historia do Cura e Sacristão . . . . .	60
Historia de Roberto do Diabo (verso) . . . . .	66
Historia da Donzella Theodora (verso) . . . . .	60
Historia do Barba Azul . . . . .	60
Serenatas ao luar . . . . .	60
Livro de S. Cypriano . . . . .	200
A arte de namorar (prosa) . . . . .	80
A Musa dos Namorados (verso) . . . . .	60
Gato de Botas . . . . .	60
Gata Borralheira . . . . .	60
Um abbade em calças pardas . . . . .	60
As botas de sete leguas . . . . .	50
Historia do Feiticeiro de Bronze . . . . .	60
Historia da Massaroca d'Anastacio . . . . .	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho . . . . .	60
Historia da Princeza Clotilde . . . . .	60
O abbade da Ramaldeira . . . . .	60
Os amores de Laurinha . . . . .	60
O Jardim Infernal . . . . .	60
João de Calais (verso) . . . . .	60
A Mariquinhas padeira . . . . .	60
Carlos Magno (versos) . . . . .	60
A Burrinha magica . . . . .	60
A B C dos namorados . . . . .	60
Princesa Magalona (verso) . . . . .	60
Imperatriz Porcina (verso) . . . . .	60
Bertoldinho (verso) . . . . .	60
A formosa Mathildinha . . . . .	60
Historia da encantadora Mercedes . . . . .	60
Historia da Princeza Leonor . . . . .	60
» do Gaitero e a Velha das noses . . . . .	60
» das Aventuras d'um Sacristão . . . . .	60
» do João das Moças . . . . .	60
A martyr da Honra . . . . .	60
A filha Maldita . . . . .	60
Historia do Conde Redondo . . . . .	60
O Fradinho Atiradiço . . . . .	60
O Conde de Monterey . . . . .	60
Historia de João Urso . . . . .	60

Porto—Typ. Peninsular—Rua de S. Crispim, 18 a 28

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

## MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mapps, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulars, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

**RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28**

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

**PORTO.**